



Expedito Carlos Stephani Bastos,
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora.
defesa@ufjf.edu.br

O incompreendido legado tecnológico militar brasileiro

O BRASIL vive agora o terceiro ciclo do sonho de se tornar uma potência militar. O primeiro ciclo ocorreu nos anos 1930, o segundo, data dos 1960, mas continuamos sem compreender o legado do período que deveria ter sido de grande e verdadeiro aprendizado – as décadas de 1970 e 1980, quando nos tornamos exportadores de itens que iam desde peças de fardamento, munições e aviões até veículos blindados sobre rodas, exportados a mais de vinte países. Sobram hoje muitos erros e alguns acertos, visto que somos um país que pensa, em nível governamental, num horizonte de quatro anos e, em nível militar, de dois.

O conhecimento que nos permitiu atingir um estágio interessante e promissor surgiu, em grande parte, da área militar, na qual se desenvolveram diversos projetos. Estes culminaram em protótipos, que, repassados à indústria privada, entraram em produção seriada para uso interno e exportação. Seus notórios êxitos de venda tiveram apoio dos governos daqueles anos. Depois, em momento mais delicado, faltou à indústria um apoio crucial para os destinos do setor: o apoio interno.

O histórico do desenvolvimento tecnológico nacional poderia ter sido muitíssimo bem aproveita-



Astros II da Avibrás, o grande sucesso da indústria brasileira...

do, pois não perdemos o principal de nossa capacitação: o fator humano. Mais uma vez, porém, estamos errando por desconhecimento do passado recente, quando, em muitos casos, tínhamos produto nacional superior aos adquiridos de segunda mão de Europa e EUA. E o pior é que, hoje, acreditamos que determinados produtos se tornam montados no país. Assim, confundimos de novo europeização com modernização, como na década de 1920.

Estamos criando conglomerados de defesa que reúnem empresas sem tradição nesse campo, embora excelentes em outros. Tais companhias acabam se associando a

conglomerados estrangeiros especializados na área, que querem vender produtos, e não nos ensinar a fazê-los. O risco é continuarmos na terrível dependência em que estamos nesta área, tão vital para nosso futuro. Nada contra parcerias, que até são bem-vindas. Ocorre que empresas estrangeiras estão adquirindo pequenas empresas brasileiras de importância estratégica, mas seus projetos e produtos acabam absorvidos ou até anulados pelo comprador, que os vê como concorrentes. Isso é preocupante.

Vale destacar que o progresso tecnológico de uma nação é o que determina, em grande parte, sua capacidade econômica. Ambas as áreas são determinan-

